

## SIGNIFICADOS E REPRESENTAÇÕES DO USO RECREATIVO DE MACONHA PARA MULHERES

Recebido em: 15/03/2021

Aprovado em: 01/10/2021

Licença: 

*Letícia Mara Pereira de Sousa*<sup>1</sup>  
*Cristiane Miryam Drumond de Brito*<sup>2</sup>  
*Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi*<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)  
Belo Horizonte – MG – Brasil

**RESUMO:** Diante das especificidades de gênero, este trabalho busca identificar o significado do uso recreativo de maconha para as mulheres em momentos de lazer. O estudo é uma pesquisa social desenvolvida por meio de entrevistas semiestruturadas. Foram entrevistadas 8 mulheres, acessadas pelo método 'Bola de Neve'. Resultados: Foram definidas as seguintes categorias de sentidos atribuídos ao uso da maconha pelas mulheres: sociabilidade, relacionamentos afetivos e sexo com uso da maconha; relaxamento e descanso; 'calmante' e medicamento; autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade. De acordo com os achados da pesquisa foi identificado que a maconha se insere no universo feminino como parte constituinte da cultura e da identidade das mulheres usuárias.

**PALAVRAS-CHAVE:** Atividades de lazer. Maconha. Mulheres.

### MEANINGS AND REPRESENTATIONS OF RECREATIONAL USE OF MARIJUANA BY WOMEN

**ABSTRACT:** In view of gender specificities, this paper discusses the meaning of recreational use of marijuana by women at leisure. The study was a social survey was conducted through semi-structured interviews. Eight women were interviewed, they were accessed using the Snowball sampling method. Results: the data were systematized into categories of meanings attributed to the use of marijuana by women: sociability, affective relationships and sex with marijuana use; relaxation and rest; 'Soothing' and medicine; self-knowledge, identity affirmation and creativity. According to research findings, it was identified that marijuana is inserted in the female universe as a constituent part of the culture and identity of women.

<sup>1</sup> Terapeuta Ocupacional. Mestre em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG.

<sup>2</sup> Doutora em Comunicação e Semiótica pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo. Docente do Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar de Estudos do Lazer e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Ocupação. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG.

<sup>3</sup> Doutor em Estudos do Lazer pela UFMG. Pesquisador de Pós-doutorado no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Estudos do Lazer pela UFMG. Docente do Departamento de Terapia Ocupacional da UFMG.

**KEYWORDS:** Leisure Activities. Cannabis. Women.

## **Introdução**

A pesquisa que originou este artigo refere-se ao trabalho desenvolvido durante o mestrado Interdisciplinar em Estudos do Lazer da Escola de Educação Física, Fisioterapia e Terapia Ocupacional da Universidade Federal de Minas Gerais (EEFFTO – UFMG), entre agosto de 2018 e julho de 2020. O artigo aborda parte dos resultados referentes a um dos objetivos da pesquisa que foi identificar os significados atribuídos ao uso de maconha por mulheres em momentos de lazer.

A escolha por um estudo sobre mulheres que fazem uso recreativo<sup>4</sup> de maconha buscou aprofundar no conhecimento de um fenômeno social representativo de um espaço-tempo político. O lazer, assim como os demais fenômenos sociais, sofre influência da chamada relação de gênero, construída social e culturalmente e que implica em relações de poder entre homens e mulheres, com consequências que refletem no comportamento de cada gênero (TEJERA; SOUSA; SAMPAIO, 2013) - ou o que se espera deles.

A proposta do estudo com foco nas mulheres considerou que a diferenciação dos sujeitos por gênero envolve um sistema de relações que não está somente relacionada ao sexo, mas tem um caráter fundamentalmente social, implica uma divisão hierárquica, pressupõe desigualdade. Para Scott (1995) uma das partes constituintes da definição de gênero é como este conceito é uma forma primária de dar significado às relações de poder. A autora ressalta que “[...] os conceitos de gênero estruturam a percepção e a organização concreta e simbólica de toda a vida social” (SCOTT, 1995, p.88),

---

<sup>4</sup> Uso recreativo é o uso de droga não problemático, sem prejuízos funcionais, que não se encaixa como uso nocivo ou dependência de acordo com a Classificação Internacional de Doenças – CID10.

legitimando como as relações sociais e políticas são constituídas, uma parte crucial da organização da igualdade e da desigualdade.

A identidade feminina é produto social e reflexo do olhar do outro, importando não apenas a imagem que ela tem de si mesma. A imagem é construída socialmente pelas práticas discursivas, produto da cultura que a construiu. Assim, a identidade feminina é definida pelo discurso de seu interlocutor - resulta do efeito espelho, identifica-se pelo reflexo do olhar do outro (VIEIRA, 2005).

Dentre os reflexos sociais da diferenciação entre gêneros, um dos primeiros marcos da desproporção sobre o lazer entre homens e mulheres é o tempo disponível para tal. Na sociedade patriarcal em que vivemos as obrigações domésticas e o cuidado com os filhos (ou o cuidado com outros que o necessitam) ficam em sua maioria sob responsabilidade das mulheres. Imersas ainda no sistema capitalista, elas se veem em duplas ou triplas jornadas de trabalho – trabalham fora e em casa - tornando o tempo para atividades de lazer muito escasso (MARCELLINO, 2000; GOELLNER *et al.*, 2010; TEJERA; SOUSA; SAMPAIO, 2013; BARBOSA; LIECHTY e PEDERCINI, 2013; BONALUME; ISAYAMA, 2018).

A partir das especificidades do lazer feminino, destaca-se a importância de considerar tal recorte para analisar os dados a respeito da visão das próprias mulheres sobre o lazer. O lazer considerado aqui vai além da função tradicional de harmonização social e suposta promoção da saúde, conforme elaborado por autores clássicos do lazer (apesar de tais conceitos serem retomados nos resultados da pesquisa). Pimentel (2012) e Rojek (2005) são autores que pensam esse fenômeno além de uma postura moral, ressaltando a subjetividade e o poder de escolha dos sujeitos. A busca por qualidade de vida pela compreensão de qualidade como vida saudável poderia representar abdicação

da liberdade, tornando paradoxal o próprio conceito de saúde<sup>5</sup>. “O aprisionamento a normas de qualidade de vida pode comprometer o viver qualitativamente” (PIMENTEL, 2012, p.312). A normalização, tida como instituição de normas como parâmetros valorativos, representa uma forma de regulação social. Toda e qualquer decisão normativa, em qualquer campo, institui parâmetros, regras, modelos, padrões para estabelecer vigilância, regulação, correção e coerção (NEVES; PORCARO; CURVO, 2017).

O lazer não necessariamente é representante apenas de aspectos ditos ‘positivos’, ele está sujeito às ressignificações das subjetividades contemporâneas. Para uma análise isenta de moralismos, primordiais para a pesquisa em questão, não nos cabe definir o lazer como algo bom, pois esta avaliação reforçaria o moralismo sobre as práticas não-usuais, alienando o subjetivismo da ação.

Para analisar o lazer de cada sujeito, é necessária uma visão holística da vida dele/a, suas redes, suas atividades, interesses e contextos inseridos. O lazer é uma dimensão da cultura, construído socialmente com a inter-relação dos componentes tempo, espaço-lugar, manifestações culturais e ações baseadas na ludicidade, sempre em diálogo com o contexto (GOMES, 2004).

Todas as atividades humanas acontecem por uma necessidade individual e/ou coletiva de produzir, de realizar, de fazer; toda atividade e ação acontecem por uma

---

<sup>5</sup> Pimentel considera aqui o conceito clássico de saúde conforme a normatização biomédica, apontada pela Organização Mundial de Saúde (OMS, 1947) que define saúde como “um estado de completo bem-estar físico, mental e social e não somente ausência de afecções e enfermidades”. Para alcançar tal bem-estar, a liberdade de escolha estaria presente e seria essencial. Podemos aprofundar a reflexão conceitual ao considerar o estudo de Georges Canguilhem (médico e filósofo francês) sobre como se estabelece o considerado normal e o patológico. O autor vincula que o mecanismo que torna determinado sistema em um sistema patológico é a relação de inserção deste na totalidade indivisível de um comportamento individual, uma relação normativa de ajustamento ao meio; o normal e o patológico seriam estabelecidos no interior de uma relação entre organismo e meio ambiente. No entanto, sendo tais conceitos definidos pela relação do organismo com o meio, Canguilhem questiona se as ‘anomalias’ seriam formas que se afastam de um tipo específico, considerado a norma, ou seriam produções de novas normas? Portanto, o patológico não seria algo isolado, mas seria inerente à vida, produtores da diversidade; neste viés, não seria nomeado ‘patológico’ ou ‘anormal’. Para saber mais: CANGUILHEM, G. O normal e o patológico. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

causa e tem uma explicação (MARTINELLI, 2011). Diante de tais singularidades e em acordo com a proposta da pesquisa, cabe buscar as razões individuais pela escolha do uso de drogas, sem o julgamento moral, e também localizar esta escolha no contexto histórico, social, econômico e político.

Para analisar a articulação entre gênero e o uso de drogas torna-se imprescindível compreender as complexidades que transversalizam o universo feminino e o uso de drogas, olhar para essa especificidade de gênero possibilita reconhecer suas particularidades e as relações de poder constituídas ao longo da história, como também as relações que as mulheres estabelecem com as drogas, seus padrões de consumo, tipo de substâncias e suas motivações para o uso (BOLZAN e BELLINI, 2015, p.4).

A escolha pela maconha (ou *cannabis*<sup>6</sup>) para o estudo deveu-se a alta popularidade de tal substância; dentre as drogas ilícitas, ela é a mais usada no Brasil (BASTOS *et al.*, 2017). Mesmo sendo uma substância de consumo e comércio ilegais, percebe-se um movimento de naturalização do uso e podemos encontrar pessoas fumando nas ruas de forma semelhante ao uso do tabaco. As atitudes de tolerância ao uso da *cannabis* também ficam evidentes nos elementos culturais, como em filmes e músicas, por exemplo. As discussões sobre a legalização e descriminalização desta droga no Brasil estão se fortalecendo, principalmente porque em países próximos ao nosso as políticas referentes à liberação estão avançando, como no caso do Uruguai, por exemplo.

Como elemento de um evento contemporâneo, as drogas como uso recreativo têm estado cada vez mais presentes nos momentos de divertimento, socialização e lazer de diversos grupos sociais. Parte do contexto e reflexo da dinâmica social, as mulheres também estão fazendo uso de drogas cada vez mais, especialmente da maconha, e em sentidos e significações cada vez mais diversos.

---

<sup>6</sup> *Cannabis* é o nome também designado para se referenciar à maconha, uma vez que a planta da qual é extraída a maconha chama-se *Cannabis Sativa*.

Apesar do número de homens usuários de drogas ilícitas ainda ser maior que o número de mulheres (com exceção do uso de medicamentos) o uso entre o público feminino vem aumentando (BASTOS *et al.*, 2017). A partir do momento que as mulheres reivindicam seus lugares de direito, antes tomados pela maioria masculina, percebe-se também que seus hábitos e escolhas mudam, como aconteceu com o uso do tabaco, por exemplo. Mudanças no paradigma social da mulher, aspectos socioculturais e psicossociais da vida delas na família e na comunidade de convivência representam fatores desencadeantes para o uso de drogas (MARANGONI; OLIVEIRA, 2013). Seja para experimentação, para suportar a rotina, aliviar o estresse, socializar ou se divertir, a planta se faz cada vez mais presente no universo feminino.

### **Percurso Metodológico**

Esta pesquisa é um estudo social. A escolha pela pesquisa social foi realizada para compreender o fenômeno a partir do próprio sujeito, neste caso, das mulheres que usam maconha nos momentos de lazer. Como elas interpretam suas vivências, como elas se veem no contexto contemporâneo com as questões sociais que perpassam suas histórias e suas existências.

A coleta dos dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas com mulheres que fazem uso recreativo de maconha. As entrevistas foram gravadas por áudio e posteriormente transcritas na íntegra. Tal instrumento de pesquisa possibilitou um dimensionamento delas próprias a respeito do fenômeno social que vivenciam. Ao verbalizarem também seus pensamentos, elas tiveram a oportunidade de refletirem sobre seus sentimentos e suas escolhas. O contato direto com elas durante a entrevista viabilizou uma postura empática para que as entrevistadas se sentissem confortáveis e seguras em compartilhar suas histórias e informações pessoais.

A amostra do estudo foi construída por meio do método Bola de Neve. Ele se inicia a partir de ‘sementes’ - as primeiras referências de contato para acessar o público de interesse – que ajudam a tatear o grupo a ser pesquisado. Posteriormente é solicitado às pessoas indicadas pelas sementes que indiquem novos contatos com as características desejadas, a partir de sua própria rede pessoal, e assim sucessivamente. Esta amostragem utiliza, então, cadeias de referência e é útil para estudar determinados grupos difíceis de serem acessados (VINUTO, 2014). Diante do estigma e preconceito referente às usuárias de maconha, tal método mostrou-se indicado para ter acesso ao público de interesse.

As primeiras entrevistadas foram indicadas pela própria rede pessoal da pesquisadora. O perfil da amostra foram mulheres acima de 18 anos, moradoras da cidade de Belo Horizonte - MG e usuárias recreativas de maconha. Foram consideradas usuárias recreativas aquelas que se autodeclararam como tal. A amostra foi composta por um total de oito mulheres com idades entre 23 e 59 anos.

A sistematização dos dados foi realizada a partir da leitura exaustiva das transcrições. O objetivo foi buscar o sentido de como elas compreendem a si mesmas e os significados advindos das vivências de cada uma.

A partir dos relatos das experiências de lazer e de uso de maconha pelas mulheres entrevistadas foram estabelecidas 4 (quatro) categorias de sentidos atribuídos ao uso da maconha: Sociabilidade, relacionamentos afetivos e sexo com uso da maconha; Relaxamento e descanso; ‘Calmante’ e medicamento; Autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade.

Para a análise das categorias estabelecidas foi utilizada a análise de conteúdo, técnica usada com a função de verificar as hipóteses levantadas para as questões da pesquisa e descobrir o que está por trás dos conteúdos manifestos, analisando além das

aparências do que está sendo comunicado, o tema e o contexto da mensagem (MINAYO, 2009).

Para garantir o anonimato das entrevistadas elas serão identificadas pela letra ‘M’ e seguida de um número (p.ex. M1, M2 e assim por diante).

### **Sociabilidade, Relacionamentos Afetivos e Sexo com Uso da Maconha**

Esta categoria foi definida a partir dos significados atribuídos referentes ao uso da maconha para as mulheres ao se relacionarem com outras pessoas e pelo uso associado ao relacionamento com companheiro/a.

O início do uso de maconha pelas mulheres entrevistadas se deu a partir de pessoas próximas a elas, entre 15 e 18 anos, o que evidencia como o uso da maconha tem relação com a sociabilidade e com o contexto pessoal inserido em algum momento da vida das usuárias. Todas as entrevistadas citam momentos de divertimento e de estar com amigos/as como situações em que utilizam a *cannabis*, mesmo que não usem a substância em todos estes momentos:

[...] uso mais para recreação, geralmente bebendo junto, em uma roda para conversar e trocar ideia [...] para dar uma desligada e sair um pouco da rotina (M1).

[...] sexta-feira vem uma amiga, aí vamos tomar uma cerveja. Aí ela vem e fuma. [...] tem o momento mais de socialização, junto com os amigos, aonde a gente tá, sempre tem um (baseado<sup>7</sup>). [...] Aí é isso, a gente fuma, conversa, ri, uma coisa comum talvez, nossa, acho que seria isso (M2).

A maconha entra como um elemento de ligação entre as pessoas, na qual altera o estado de humor, traz prazer e suspende o peso da rotina diária. Nestes processos de sociabilidades supracitados a maconha se relaciona com o lazer como uma excitação agradável, que proporciona alívio e, por vezes, uma sensação de libertação das pressões

---

<sup>7</sup> Baseado é o nome popular do cigarro de maconha.

derivadas do aumento das tensões provocadas pelo controle dos impulsos (ELIAS; DUNNING, 1985).

O efeito da *cannabis* potencializa a libertação das amarras pessoais em diversas situações. A entrevistada M8, por exemplo, usa para sair para dançar, ir a bares e fazer coisas que gosta com mais fluidez.

A *cannabis* tem uma tradição de ser fumada em grupo, no viés da socialização, conforme ‘Gabriel, O Pensador’ descreve em sua música<sup>8</sup> em que o baseado é fumado em roda e passado a cada um presente no círculo, um momento ritualístico: “(...) Sente a marisia, marisia... / Acende, puxa, prende, passa”. A maconha não gera somente o efeito biológico/orgânico da substância no organismo, mas também efeito psicológico, subjetivo e contextual. Quando a maconha é utilizada em grupos, a tendência é de que as pessoas fiquem mais eufóricas, diferente de quando utilizam a planta sozinhas (SILVA *et al.*, 2018).

Outro aspecto conexo à socialização são os relacionamentos amorosos estabelecidos. As mulheres entrevistadas citam em diversos momentos o uso da maconha como elemento presente em tais contextos, até mesmo no primeiro momento de experiência com a droga. O fato de o namorado ser previamente usuário influenciou a entrevistada M4 a se interessar pelo uso também, apesar dela já ter tido contato com a *cannabis* no ambiente familiar. Este fato é corroborado pelas falas de M2, que apontou aumento da frequência do uso junto com o primeiro namorado, e de M1 e M8, que apontaram aumento do uso em relacionamentos estáveis e ficavam diariamente com os namorados. Seguem alguns relatos:

Engraçado que tem um pouco de associação com namoros [...]. Antes era mais com esse amigo, mas fumava também quando encontrava com um amigo ou outro. Aí eu passei a fazer uso diário com o namorado que eu tive, porque ele usava todos os dias. A gente morou junto e usava todos os dias,

---

<sup>8</sup> Referência à música ‘Cachimbo da paz’ do artista Gabriel, O Pensador, de 1997.

depois que chegava do trabalho. A gente terminou e aí eu usava mais eventual, assim como antes do namoro (M1).

Eu comecei a namorar com outro rapaz tem uns oito meses. Engraçado como que a *cannabis* entra muito nas minhas relações... aí a gente começou a usar juntos e começou a ficar quase que diário (M8).

Os comportamentos sofrem influências dos/as companheiros/as ao se considerar que são pessoas que dividem a vida juntas, decidem juntas o estilo de vida que terão e têm uma identificação uma com a outra que culminou em um relacionamento afetivo. As duas pessoas envolvidas se dispõem a experimentarem algo pertencente ao outro e, assim, moldam uma nova forma de estarem no mundo, tanto concretamente, em suas rotinas, como psicologicamente, a maneira de lerem a vida e de fazerem escolhas.

O fato da maconha ser uma substância de consumo ilegal parece também influenciar na relação das mulheres usarem mais quando estão com homens. Quando estão em um relacionamento heteroafetivo a maioria das mulheres consegue acesso à *cannabis* por meio do companheiro e associam a facilidade pela questão de gênero:

Para comprar eu morro de medo, tanto é que para comprar geralmente eu uso o vínculo que eu tenho com outra pessoa, alguém fala “eu vou comprar”, aí eu peço para pegar para mim, ou então eu tenho uma pessoa que converso pelo Whatsapp e que me entrega, que eu já tenho confiança, então... Mas eu não iria em um lugar específico que todo mundo compra para comprar e acho que esse medo é mais pelo fato de ser mulher mesmo, do que por ser só perigoso o lugar (M5).

A exposição que a mulher fica para comprar a maconha nos pontos de tráfico as inibem e, por vezes, impede que elas comprem a planta. No entanto, a inibição é, provavelmente, por uma construção cultural, de como são vistas as pessoas que realizam algum ato ilegal. Outra hipótese pode ser a cobrança para que a mulher mantenha uma postura ‘correta’ e recatada, pois não surgiu nos relatos uma justificativa sobre os motivos das mulheres serem mais vulneráveis que os homens no momento da compra da maconha diretamente nos pontos de tráfico. Uma justificativa alternativa também é o

receio das mulheres circularem sozinhas e sofrerem algum abuso, uma vez que é um temor que perpassa a realidade em vários contextos.

A relação da *cannabis* com o sexo e com o corpo também é descrita por algumas mulheres; a planta potencializa algumas sensações, como nos fala a entrevistada M8:

Eu tinha um namorado lá (em Portugal) e até a sexualidade foi totalmente ressignificada, porque a gente fumava e ia namorar, transar... Eu tive experiências transcendentais usando a planta e me reconectando com meu corpo, ver mais potência. [...] A primeira experiência que eu tive sexual com a *cannabis*, eu falo que foi o sexo da minha vida. Foi em Portugal, eu tive uma experiência quase espiritual, muito intensa, de ver mandalas, de ter experiência de chegar a pontos orgásticos que eu nunca tinha vivido aquilo na minha vida! A concentração da planta era maior, mais pura... eu tive experiências muito boas sexualmente com outras pessoas, em outros contextos, depois que eu voltei para o Brasil (M8).

Palamar *et al.* (2018) descreveram as experiências sexuais dos/as usuários/as com a substância em termos de sensações; eles/as sentiam seus corpos mais sensíveis com o uso da maconha e mais relaxados após o sexo. Os autores destacam que, especificamente as mulheres, notaram a sensibilidade aumentada (ou mais ‘sintonizada’ com suas sensações), sentiam o toque melhor, ficavam mais à vontade, ou elas se experimentavam mais, fisicamente. Além disso, o efeito da *cannabis* traz o desejo e a desinibição para tentarem novos comportamentos, mais criativos e mais emotivos no ato sexual.

Em estudo específico com mulheres, as participantes que usaram maconha antes do sexo relataram efeitos sexuais positivos relacionados à satisfação sexual geral, ao desejo, à redução da dor e a orgasmos mais satisfatórios (LYNN *et al.*, 2019).

O fato de a percepção do tempo ficar alterada com o efeito da *cannabis* é elemento a ser considerado ao analisar a diferença da percepção da satisfação com o sexo sob efeito da droga. Sob tal efeito, o tempo percebido passa de forma mais lenta e, conseqüentemente, o sexo também é percebido como sendo mais prolongado e mais satisfatório. Alguns homens e mulheres relataram que seus orgasmos eram ampliados,

mais longos ou mais intensos com a maconha (PALAMAR *et al.*, 2018). Os efeitos sexuais positivos também podem ter relação com a diminuição do estresse e da ansiedade provocados pela *cannabis* (LYNN *et al.*, 2019).

Por fim, nas situações de sociabilidade, a maconha está vinculada ao sentimento de desinibição que a droga provoca, a ter algo em comum com amigos/as e namorado/a, ao aumento da libido percebida e/ou das sensações de prazer.

### **Relaxamento e Descanso**

A categoria ‘Relaxamento e descanso’ pôde ser identificada quando as mulheres fizeram referência à busca pelas sensações de desligamento das obrigações, de descanso das questões cotidianas e diminuição da tensão da rotina.

Todas as entrevistadas fizeram alusão à conquista de um estado de bem-estar, referindo-se à liberação das atividades obrigatórias de trabalho e tarefas domésticas, de cumprimento de horários. As entrevistadas relataram como o uso da maconha estaria relacionado ao descanso e ao desligamento da rotina, quando questionadas sobre a função desta substância na vida delas:

Eu acho que é uma coisa que me faz sentir bem, mais bem que fumar cigarro, eu sinto um bem-estar maior, um relaxamento maior (M4).

Eu estou utilizando só depois que eu terminei de fazer tudo o que eu tinha que fazer, normalmente no final do dia, para ir dormir, alguma coisa... ou final de semana que eu posso usar o óleo (extraído da *cannabis*) e ficar um tempo maior de boa (M8).

O efeito de relaxamento, para estas mulheres, representa um contraponto às atividades consideradas obrigatórias, é uma maneira de conseguirem atingir um estado mental difícil de ser alcançado diante de todas as pressões e multitarefas existentes na vida da mulher contemporânea:

[...] pensando bem a época que eu mais fumava era a época que eu me sentia mais sobrecarregada de trabalho. Talvez fosse uma necessidade de dar uma liberada da pressão, de ansiedade... (M5).

É comum que as pessoas, quando fazem o uso da *cannabis* de forma individual, tenham uma tendência de sentirem sensações de sonolência e relaxamento, diferente de quando a maconha é utilizada em grupo (SILVA *et al.*, 2018).

Diante da inferência do contraponto com as obrigações diárias, as mulheres vinculam ao lazer o momento em que usam maconha para relaxar e descansar:

Com certeza tem relação (com o lazer), porque me relaxa, é o meu relaxante natural. [...] Lazer para mim é ter paz, ficar tranquila, poder conversar, estar bem (M3).

Lazer é tudo que você faz voltado a um refúgio da sua rotina, das suas obrigações. Então entendo que lazer é algo que você faz para se sentir bem. Uma atividade que você escolhe estar fazendo para aproveitar para descansar, para poder refugiar mesmo da rotina, de obrigações de trabalho (M5).

[...] uma coisa você usar alguma coisa para relaxar, porque eu sempre tive muita energia, então eu usava para relaxar... até hoje para relaxar, desde o início. Era recreativo, mas relaxante (M6).

Tal achado é condizente com os dados da pesquisa ‘O lazer do brasileiro’, analisado por Bonalume e Isayama (2018), em que as mulheres brasileiras associaram o entendimento de lazer com o descanso, como segunda associação, após o entendimento do lazer como divertimento. O aumento da idade, e com ela as responsabilidades que vão se acumulando em determinadas fases da vida da mulher, interferem na maneira de perceber o lazer; para as mulheres mais jovens a diversão tem mais importância e o descanso menos, entre as adultas e idosas esta disparidade é menor.

Nos relatos apresentados, percebe-se que as mulheres consideram lazer algo realizado em oposição ao trabalho capitalista e às obrigações, significados semelhantes ao conceito mais tradicional deste fenômeno. O lazer como uso do ‘tempo livre’, oposto às obrigações profissionais, familiares e sociais, onde o sujeito tem livre escolha, em caráter desinteressado, faz alusão ao conceito construído por Dumazedier (1976), um dos autores pioneiros dos Estudos do Lazer que teve grande influência na área no país. Esta noção conceitual foi construída no Ocidente, ao longo do século XX,

condicionando a existência do lazer ao trabalho e à fragmentação do tempo e do espaço (GOMES, 2014).

A percepção das mulheres exemplifica como este conceito ainda é muito presente nos dias atuais diante o peso que o trabalho formal, voltado para a produtividade material, tem no nosso cotidiano. A pressão para que o sujeito esteja sempre produzindo, de forma capitalista, para o mercado, traça uma dicotomia entre as tarefas de trabalho e de lazer que influencia a percepção que temos sobre a divisão de tempo e de espaço de cada um destes processos.

O lazer com referência ao descanso das obrigações também é citado por Elias e Dunning (1985) como uma forma de se libertar das tensões; seria uma ferramenta útil para quebrar a rotina e fornecer prazer.

O relaxamento proporcionado pela maconha tem um significado de bem-estar e tranquilidade nesta categoria. Diante destas sensações, as entrevistadas inferiram que, quando fumam a maconha com este objetivo, o momento do uso torna-se um momento de lazer.

### **‘Calmante’ e Medicamento**

A categoria ‘Calmante’ e medicamento faz referência ao efeito que algumas mulheres relatam que a *cannabis* promove, como redução da ansiedade, de sentimentos depressivos e de redução de dores físicas (no caso de uma mulher que tem doenças crônicas que causam dores). Os relatos desta categoria são além de uma tranquilidade e descanso da rotina, são efeitos desejados para apaziguar uma inquietude intrínseca a elas.

Algumas mulheres usam a maconha como ‘calmante’, praticamente como ansiolítico para lidar com a ansiedade intensa:

E parece que me dá essa tranquilidade física e mental que está permitindo eu correr atrás de umas coisas que eu não sei se eu conseguiria se eu não tivesse isso, porque, querendo ou não, se tornou uma válvula de escape para mim, para poder conseguir encontrar um lugar (M4).

[...] Você pensa mais e ao pensar mais o uso te ajuda de alguma forma, para aprofundar nesses pensamentos e até para me acalmar mais, eu sou muito ansiosa (M7).

As mulheres que usam a maconha para lidar com a ansiedade - M3, M4 e M7 – fazem uso constante, diário, como parte do cotidiano.

Alguns estudos de revisão referem que a maconha pode desencadear a ansiedade em determinadas pessoas, aumentar a irritabilidade e ser prejudicial neste sentido (GONÇALVES; SCHLICHTING, 2014; SILVA *et al.*, 2018). Não é o que aparece no discurso das mulheres da pesquisa. Estas diferenças podem estar relacionadas à quantidade da droga consumida, à frequência de uso, à personalidade de cada usuário/a e/ou ao contexto utilizado. Tais diferenças apontam para a importância de desenvolvimento de mais estudos sobre os sentidos e efeitos do uso da *cannabis* em populações e contextos específicos. Importante lembrar que as mulheres entrevistadas já têm um tempo longo de uso da maconha e um autoconhecimento incorporado que permitem a elas mediar o uso conscientemente.

Análogo à busca por reduzir a ansiedade, o uso como ‘medicamento’ também foi relatado para amenizar sentimentos depressivos:

Mas isso porque acaba e você quer mais (referindo-se ao motivo porque a cocaína e o crack matam), porque volta o ‘buracão’, como se preenchesse um buraco que tivesse aqui dentro. Eu ainda tenho esse buraco. Meu buraco é muito grande. Mas hoje tá controlado, porque eu só preciso da maconha e do álcool (M3).

[...] mas também ajuda muito, eu acho, para lidar com as coisas. Eu tive depressão no início deste ano e eu sinto que me ajudou, desde que eu comecei a fumar maconha eu sinto que eu me tornei uma pessoa mais tranquila (M4).

Alguns estudos fazem referências aos possíveis efeitos benéficos do uso da *cannabis* para combater a depressão (GONÇALVES e SCHLICHTING, 2014;

FORTUNA, TIYO e FREITAS, 2017; SILVA *et al.*, 2018). No entanto, os estudos não confirmam efetivamente tal relação e não aprofundam no mecanismo como este efeito é produzido. Para a pesquisa referida aqui é relevante saber que as mulheres sentem esta diferença e que, de fato, existem estudos que descrevem outros achados semelhantes sobre a ação da maconha nesta condição.

Estudos brasileiros são ainda mais raros pelo fato da maconha não ser legalizada para uso medicinal até período recente. A ilegalidade dificulta o acesso às pessoas usuárias e a substâncias de qualidade. Por ser uma droga ilegal, não conseguimos afirmar quais substâncias estão presentes e quais os efeitos de cada composto, o que impossibilita uma análise fidedigna dos efeitos farmacológicos na situação atual.

Outra peculiaridade a ser considerada na análise referente ao efeito da maconha na depressão é o fato desta não ser uma condição de causa puramente biológica. Aspectos psicossociais atravessam o quadro depressivo, influenciando em seu desencadeamento e em sua evolução. Portanto, não é somente o aspecto farmacológico/neuroquímico que interfere na melhora ou piora do quadro.

O terceiro sentido atribuído ao uso da maconha como ‘medicamento’ foi citado por M7 como um alívio para questões físicas do corpo, a busca de um efeito para amenizar um sofrimento físico:

[...] eu uso para relaxamento, principalmente, para dor, para artrose, artrite... eu tenho os dois. [...] Eu tenho fibromialgia e às vezes sinto muitas dores no corpo, então eu uso bem mais para relaxar (M7).

A redução de dores neuropáticas com o uso da *cannabis* já foi descrita na literatura (GONÇALVES e SCHLICHTING, 2014; FORTUNA, TIYO e FREITAS, 2017; SILVA *et al.*, 2018). Estas pesquisas apresentam um avanço em relação àquelas voltadas para a ansiedade e depressão pelo fato das dores estarem relacionadas a condições exclusivamente biológicas. A única entrevistada a fazer referência ao uso

desta forma foi a mulher mais velha da amostra (59 anos) e a única com doença crônica, o que pode justificar o uso da *cannabis* com finalidade medicinal somente por esta entrevistada.

Os estudos sobre o uso medicinal da *cannabis*, na área biomédica, têm tendência a se expandirem diante a nova resolução da Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA)<sup>9</sup> que aprovou em 2019 novo regulamento para o uso de produtos à base da droga para fins medicinais. A resolução aprovada dispõe sobre os procedimentos para a concessão de uma Autorização Sanitária para a fabricação e a importação desses produtos, bem como estabelece requisitos para comercialização, prescrição, dispensação, monitoramento e fiscalização desses. A decisão tem como intuito legalizar o uso medicinal da maconha no Brasil. Espera-se que, a partir de tal regulação, a maconha ocupe um lugar de menos preconceito e estigma para que tenhamos acesso aos seus benefícios de maneira comprovada e mais assertiva. Já a pauta sobre o uso recreativo da planta no país ainda está distante de ser discutida pelas políticas públicas.

### **Autoconhecimento, Afirmação de Identidade e Criatividade**

Esta categoria foi selecionada para abarcar como a maconha potencializa algumas habilidades pré existentes em algumas mulheres.

Desde a adolescência e fase de vivência em grupos o uso da maconha representa uma busca de algo de si que as localizem na sociedade como seres individuais, cidadãos com direito de escolhas e que assumem o próprio gozo da vida. Conforme a Teoria Psicossocial do Desenvolvimento de Erikson (1976 *apud* GAETE, 2015) o principal objetivo da adolescência é a busca da identidade. A conquista de uma identidade pessoal na adolescência e no início da idade adulta envolve aspectos em relação à aceitação do

---

<sup>9</sup> BRASIL. Ministério da Saúde. **Resolução da Diretoria Colegiada - RDC no 327**, de 9 de dezembro de 2019. Disponível em: <http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-da-diretoria-colegiada-rdc-n-327-de-9-de-dezembro-de-2019-232669072> Acesso em 01 mar. 2020.

próprio corpo, aceitação da personalidade, identidade sexual, identidade vocacional e a busca de uma ideologia pessoal, que inclui seus próprios valores (identidade moral).

O autoconhecimento não seria uma consequência inexorável do desenvolvimento, mas o produto de um processo ativo de busca, tornando necessário que o adolescente faça distinção entre quem ele/a realmente é e quem ele/a deseja ser, e se encarregue de suas potencialidades e suas limitações. Ele/a alcançará este objetivo depois de considerar as várias alternativas nos vários aspectos envolvidos na identidade e chegar a conclusões por si mesmo/a (GAETE, 2015). Portanto, é natural que as primeiras experiências com o uso de drogas aconteçam nessa faixa etária e junto com amigos/as próximos/as.

O autoconhecimento nos relatos da pesquisa faz referência à busca do próprio conhecimento psíquico, do que são as prioridades de vida delas e do funcionamento do próprio corpo:

Tem um pouco de identidade eu acho, porque, assim, a maconha faz da minha mãe o que ela é (mãe também é usuária), muito, porque ela também é uma pessoa muito acelerada [...] Para mim é muito cotidiano, que se tornou uma coisa muito cotidiana, faz parte do meu relacionamento, faz parte da nossa casa, faz parte da construção nossa diária e dos nossos afazeres (M4).

Como se fosse uma forma de resgate, acho que de todas as coisas. Ela (a maconha) acaba tendo o sentido de uma forma de resgate positivo. No sentido de autoconhecimento (M7).

Então achei na cannabis um lugar que me deixava muito sensível ao mundo e me deixava mais aberta, acho que eu conseguia me pertencer mais, de espontaneidade, de me sentir mais eu, ser mais espontânea. [...] Foram momentos de uma conexão muito intensa com o meu feminino, aonde inclusive eu canalizei muitos trabalhos, eu faço trabalho com mulheres hoje em dia. [...] E aí consumindo uma planta muito boa, que tinha um efeito psicoativo bem forte, que significou muitas coisas, com relação ao meu corpo, com relação às minhas relações. [...] Eu tive experiência transcendentais usando a planta e me reconectando com meu corpo, ver mais potência (M8).

A partir do autoconhecimento adquirido, outro estímulo que a maconha proporciona às mulheres é a potencialização de habilidades próprias delas, mas que, por

alguma razão, estavam inertes. Algumas manifestações citadas foram que a *cannabis* proporciona expansão da criatividade e a ampliação de pensamentos:

E aí nessa época eu comecei a gostar (de fumar maconha), porque a gente conversava sobre assuntos muito profundos e aí eu sentia que a cabeça levava a gente em assuntos mais profundos, você consegue acessar mais coisas, parece. [...] E hoje, vez ou outra, eu fumo, às vezes quando estou ‘presa’, quando estou com alguma ideia na cabeça precisando de expressão, precisando de desenvolver alguma coisa que eu estou pensando e está travada, às vezes eu fumo também e aí vem algumas ideias, até para algumas questões profissionais mesmo, para eu conseguir expandir um pouco. [...] Eu entendo que o efeito da maconha dá mais profundidade para os pensamentos, então, por exemplo, eu gosto de escrever alguns textos de coisas que eu tenho pensado sobre a vida e aí, quando eu fumo, eu sinto que aquele pensamento se potencializa, como se eu conseguisse entender melhor as ideias sobre aquilo que eu tô pensando... é bem nesse sentido mesmo. [...] é como se fosse uma forma de liberar o pensamento que está dentro de mim e que eu preciso externalizar (M5).

Principalmente no corpo, de conseguir atingir espaços de pensamento, de ativação mental, de potências sensitivas, que me chamaram muita atenção, que até então não era realidade para mim. [...] E aí comecei a ter essa consciência desse poder criativo e do poder da planta mesmo (M8).

Spach e Viecili (2017) relatam que a função da maconha, em alguns casos, está muito relacionada com a necessidade de explorar alternativas para a própria percepção e, por conseguinte, transformar a maneira de ver e interpretar o mundo. Estes autores compreendem que esta substância tem o poder de modificar a consciência e ampliar os limites que não são normalmente acessíveis em outras condições.

A partir de uma conexão consigo mesma, aquelas mulheres mais místicas e espiritualizadas referem como a planta facilita e otimiza a conexão também com seres divinos e espirituais:

[...] Aí (com 13 anos) eu fui ler o Kebra Nagast<sup>10</sup>, que é como se fosse a Bíblia Rasta, e aí tem toda uma filosofia que não tem nada a ver com uso de substância, mas quem segue a ideologia faz o uso para uma conexão com o divino. Achei aquilo esplendoroso!

[...] A gente sentava e conversava de Deus, era essa onda, sobre as maravilhas do planeta, não tinha nenhum deus específico (no início do uso da maconha na vida) [...] E aí a gente tentava sair um pouco dessa ideia ocidental de Deus. Então a gente tentava ver dentro da natureza, era uma

---

<sup>10</sup> O Kebra Nagast é considerado a bíblia da doutrina Rastafari. O nome é um termo que em Geês, idioma litúrgico da Etiópia no qual foi escrito, significa “Glória dos Reis”. É baseado na história dos hebreus da Etiópia antiga; tornou-se símbolo da divina autoridade que regeu inúmeros reis descendente de Salomão, filho de Davi. Uma das versões em PDF do livro em inglês pode ser acessada pelo link: [http://www.yorku.ca/inpar/kebra\\_budge.pdf](http://www.yorku.ca/inpar/kebra_budge.pdf)

viagem meio pequena, mas muito linda! [...] hoje a gente consegue perpassar por todas as áreas: o trabalho, a questão recreativa, quando eu vou acender alguma oração (M7).

[...] foi tudo quase que na mesma época: eu terminei o namoro, comecei a frequentar o Santo Daime e aí teve uma outra consciência a utilização dos psicoativos, porque eu comecei a utilizar na Medicina Sagrada<sup>11</sup>, para ele tem uma conotação Sagrada. [...] Achei interessante o tema da pesquisa porque eu acho a cannabis uma planta extremamente feminina... a gente chama até de Santa Maria dentro desse espaço que a gente cultua. E eu sinto mesmo uma força de uma grande mãe assim, porque ela me acolhe, uma criatividade. [...] E dentro desse espaço, o que é um espaço eclético, tem várias cultuações, não tem uma cultuação específica, apesar de ser Umbanda e Santo Daime, eles são muito ecléticos na visão, até na utilização da cannabis eles consideram uma relação sagrada também. E aí que eu comecei a significar a minha utilização da maconha, que eu comecei a levar de uma forma muito mais respeitosa com a planta. [...] As plantas de poder que são várias e diversas, eu comecei a me sentir mais segura para utilizar e confiando mesmo que aquela planta me conectava, me conecta com uma essência muito divinal. [...] Hoje eu tenho uma relação mais sagrada com a planta, de entender o que é uma planta de poder, ter uma consciência maior desta utilização (M8).

A proximidade com o universo espiritual é uma característica já presente nestas mulheres que trazem estes relatos, e a maconha possibilita uma intensificação do estado místico, de tal conexão. Para ter o efeito neste sentido, a mulher geralmente usa já com o foco voltado para este objetivo, em um contexto de ritualização que possibilita as relações divinais.

O registro do uso da maconha com fins espirituais é remotamente histórico. A *cannabis* convive com a espécie humana há mais de 10.000 anos e, provavelmente, esta foi a primeira planta a ser cultivada para fins não-alimentícios pelo ser humano. O mais antigo indício do uso do cânhamo<sup>12</sup> para fins espirituais é da Índia, datado de cerca de 1400 a.C.; em 1300 a.C. o uso da *cannabis* por prazer ou para fins religiosos já era bastante comum (ROBINSON, 1999).

A relação destas mulheres com a maconha é uma relação de proximidade; elas construíram uma intimidade com a planta que possibilita, muitas vezes, alcançarem um

---

<sup>11</sup> A Medicina Sagrada, em termos gerais, contempla rituais de origem indígena, nos quais são utilizadas plantas e substâncias naturais para realizarem tratamentos espirituais e do corpo, além de promover uma conexão com divindades.

<sup>12</sup> Cânhamo é a planta, o arbusto, da qual a maconha é extraída.

patamar psíquico além do que a consciência permite nas condições das regras normativas colocadas. A partir desta relação estabelecida, elas têm *insights* que proporcionam uma clareza de ideias que potencializa o autoconhecimento e subsidia suas escolhas e ações.

Comecei a perceber questões do meu feminino ferido, por várias questões de vida, desde as minhas relações familiares até as minhas relações com os homens que eu me relacionei e o quanto esses espaços são impregnados; e a cannabis foi um espaço de libertação pessoal, porque acessava uma sensibilidade no meu corpo que eu fui ficando contida a medida que o tempo ia passando... ‘Ah! Porque eu não podia fazer isso porque era mulher, não podia fazer isso porque era vulgar...’ tinha um inconsciente que ficava falando que me representava e parece que não era certo, a forma como eu era. E utilizar a cannabis me fez libertar o meu corpo para dançar, libertar meu corpo para criar, libertar o meu corpo para escrever, para materializar planos (M8).

A representação da maconha surge como um significado de libertação das amarras sociais e de auto aceitação. A libertação do corpo feminino e a apropriação deste corpo pela própria mulher torna-se premente na atualidade diante do histórico de cerceamentos que a mulher vivenciou até então.

As entrevistadas trazem a maconha como instrumento potente para alcançarem a mudança de perspectiva necessária para que a mulher tenha mais autonomia e visibilidade. Libertas de algumas amarras, elas se encorajam para se fazerem presentes no discurso coletivo de reafirmação do espaço que ocupam.

O uso da maconha relacionado ao autoconhecimento e à reafirmação de si no espaço social é representado em vários momentos pela militância das questões que envolvem a droga, algo que já é parte da rotina dessas mulheres e de suas identidades:

Mas agora a maconha me dá um lugar, é uma militância para mim, é uma coisa que hoje em dia faz parte da minha vida, faz parte da minha rotina, faz parte de alguns dos programas que a gente tem (M4).

O uso tem um sentido coletivo, no sentido político, quando eu vou para Marcha por exemplo.... Na Marcha da maconha que eu acho lindo! (M6).

A militância traz em si o discurso da luta antiproibicionista e pela legalização da maconha. Durante as entrevistas ficou perceptível a postura crítica delas em relação às

motivações para a proibição e como elas não estão dispostas a se sucumbirem às normativas políticas impostas, às quais não concordam. Continuar a usar a maconha, para elas, é um ato político e de posicionamento da mulher a favor do que acreditam. Os benefícios percebidos com a *cannabis*, de autoconhecimento, de ampliação de ideias e de conexão espiritual fortalecem estas mulheres para se posicionarem a favor da maconha e tentarem construir uma nova história dela e das mulheres em nossa sociedade.

### **Considerações e Reflexões Finais**

O uso de drogas pela humanidade sempre esteve presente em rituais religiosos, para se alienar do sofrimento ou na busca do prazer. Diferentes culturas e sociedades consumiram e consomem drogas com frequência e nem sempre o uso se caracteriza como problemático (CRIVES; DIMENSTEIN, 2003).

É elementar a realização de estudos referentes à relação lazer e uso de drogas, considerando que os sujeitos estão usando cada vez mais no tempo identificado como lazer. A droga não é um problema em si, há de se compreender o elo sujeito-droga em determinado tempo e espaço. “Não basta o olhar acusatório para o uso de drogas ou para determinados comportamentos dele advindos. Há de se considerar o contexto social no qual ele se dá, além de perceber o indivíduo historicamente situado” (ROMERA; MARCELLINO, 2010, p.80).

Popularmente, o consumo de drogas ilegais em si já é considerado um comportamento desviante. O fato da maconha ser uma substância de consumo e comércio ilegais traz o estigma de tal associação e rotula os usuários antes mesmo de escutar deles suas histórias e entender qual o lugar aquela substância ocupa em sua vida. Despindo-se da visão moral da proibição, a pesquisa em questão buscou compreender as

motivações e subjetividades por trás do ‘baseado’ e, principalmente, enxergar as mulheres ali presentes, o que pensam, o que desejam, o que viveram e o que sonham.

As diferenças entre os gêneros, historicamente estabelecidas, refletem no comportamento das mulheres de hoje, negativamente. As relações não equitativas entre mulheres e homens foram sustentadas pela divisão sexual e desigual do trabalho doméstico, pela exclusão dessas dos espaços de poder e de decisão e pelo controle do corpo e da sexualidade das mulheres. Essas desigualdades reduziram a autonomia e a decisão delas sobre os seus próprios corpos e sobre as suas vidas.

A identidade sexual feminina na história sempre apareceu como algo velado, alvo de repressão ou resguardada para a satisfação do marido. Como consequência, aquelas que expressassem a sua sexualidade em público eram passíveis de condenação moral e social, o que ainda apresenta reflexos hoje no comportamento das mulheres (MACIEL; MEDEIROS, 2017).

Um dos sentidos atribuídos ao uso da maconha encontrados na pesquisa é a relação com a sociabilidade. O uso perpassa as relações de amizades como elemento de lubrificante social, de liberação de pressões e amarras sociais, que traz leveza e divertimento. A tradição de se fumar em grupo também se faz presente nos momentos de confraternização. Além das relações de amizades, várias mulheres também trouxeram relatos de como a *cannabis* atravessa as relações amorosas. Neste caso, identificamos como os efeitos da maconha são positivos para as mulheres alcançarem prazer e satisfação com a relação e com o sexo.

Portanto, a maconha surge em muitos casos para trazer à mulher a sensação de liberdade que a ‘autoriza’ a se expressar, reconhecer e expor seus próprios desejos ao outro, além de encorajá-la a se abrir e se assumir como ser autônomo e sexual.

O uso da *cannabis* para relaxamento está relacionado ao estresse do trabalho e das demais obrigações diárias (domésticas, sociais e das próprias pressões pessoais). Além da relação com o relaxamento, a maconha também se apresenta como elemento de referência ao lazer, uma vez que elas acreditam que o lazer é aquilo que escolhem fazer fora do tempo das obrigações. Nestes momentos, a maconha possibilita que as mulheres relaxem e saiam da rotina, enquanto que em momentos de trabalho a planta traz uma tranquilidade mental, além de auxiliar na criatividade e na capacidade de resolução de problemas.

Os achados da pesquisa tiveram proximidade com a análise de Venturi (2017) sobre ao que o autor identificou como motivações para o uso de drogas, principalmente quando ele identifica que os motivadores têm uma relação com a socialização e com o contexto social. O fato das mulheres da pesquisa relacionarem o uso à socialização e ao relaxamento das questões rotineiras diz desta associação com o contexto externo. Outra similaridade com os achados do autor é a forma de identificar o uso de substâncias como relacionadas à escolha pessoal, referindo-se ao sujeito ativo e autônomo. Todas as mulheres da pesquisa fazem uso da planta por uma escolha pessoal, conscientes de que há uma correlação do uso com o contexto externo, social e cultural.

O sentido atribuído ao uso da maconha como um suporte para algo intrínseco a estas mulheres, de uma ansiedade basal, de sintomas depressivos e de dores físicas têm relação com todo o contexto de vida de cada uma. Esta categoria de sentido (‘calmante’ e medicamento) se fez necessária para destacar a importância da *cannabis* na rotina destas mulheres, incluindo aqui a presença da substância no lazer, uma vez que as entrevistadas citadas aqui - M3, M4 e M7 - usam a maconha em todas as situações de suas vidas. A ansiedade, a depressão e as dores corporais trazem prejuízos funcionais

em suas rotinas; portanto, o efeito relatado da maconha as auxilia muito a desfrutarem da vida de uma maneira mais tranquila.

A quarta e última categoria de sentido está associada ao autoconhecimento, afirmação de identidade e criatividade que a *cannabis* proporciona. Segundo relatos das mulheres, a maconha acessa lugares íntimos que permitem uma ampliação da auto percepção de si sem o atravessamento da percepção dos outros. O acesso a sensações novas possibilitaria também a expansão da criatividade e a clareza de pensamentos. Diante todos os benefícios percebidos, as entrevistadas criaram uma proximidade com a planta que as colocaram em defesa à legalização dela, tomando um espaço político em suas vidas, representado pela militância em relação ao tema.

A maconha ao longo da pesquisa apresentou-se como significado da libertação feminina; da autorização do ‘ser mulher’ conforme elas acreditam que devam ser, sem o julgamento sociocultural, estigmatizado e preconceituoso que está colocado atualmente.

Anteriormente na história, as mulheres buscavam se igualarem aos homens, terem as mesmas oportunidades e espaços de trabalho, o mesmo reconhecimento de suas capacidades laborais, os mesmos direitos sociais. Neste caminho, fomos assumindo posturas masculinizadas e mecanizadas, com o entendimento de que, agindo como eles e encobrimo nossas peculiaridades, seríamos mais vistas e respeitadas nos espaços de conquistas. Com o passar do tempo, reelaboramos a postura da mulher; estamos em um momento na história de buscar a reconexão com nossas raízes femininas, de compreender que as peculiaridades de visão de mundo, de afeto, de acolhimento, de sensibilidade contribuem de maneira única para a construção sociocultural da humanidade. Esta nova percepção nos coloca em posição de reafirmação de quem somos, em busca e construção de uma nova identidade.

A identidade é histórica, não natural. Ela é construída e criada ao longo do tempo. O nome ‘mulher’ tem uma origem complexa e passa por ressignificações a partir de grandes esforços interpretativos e reflexivos, com marcações políticas (TIBURI, 2018). A partir da compreensão dessa construção identitária devemos valorizar a busca por ressignificações do que é a mulher para si, qual o lugar deste corpo no espaço social e o que ela representa de transformação política para o cenário atual.

Portanto, pode-se inferir que a maconha é um instrumento, uma ferramenta, um facilitador, um meio para estas mulheres alcançarem estados, momentos de bem-estar e/ou de conexão com sensações desejadas, consigo mesmas e/ou com outras pessoas. A planta tem um lugar de afetividade e de acolhimento do feminino que pouco elas encontram em outros lugares.

\* Escrever um artigo científico em um período de pandemia é um desafio: concentrar-se diante o cenário atual de isolamento e incertezas é um exercício mental que exige considerável investimento. Mulher, mãe, pesquisadora, servidora pública da saúde, dona de casa... o artigo foi o fim de um longo suspiro! Agradeço a oportunidade e o espaço desta edição.

## REFERÊNCIAS

BARBOSA, C.; LIECHTY, T.; PEDERCINI, R. Restrições ao Lazer Feminino: particularidades das experiências de lazer de mulheres homossexuais. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.2, p. 1-22, jun. 2013. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.653>

BASTOS, F.I.P.M. *et al.* (Orgs.). **III Levantamento Nacional sobre o uso de drogas pela população brasileira - III LNUD**. Ministério da Saúde / ICICT Fiocruz, Rio de Janeiro, 2017. 528p. Disponível em <https://www.arca.fiocruz.br/handle/icict/34614> Acesso em 15 jan. 2020.

BOLZAN, L. M.; BELLINI, I. B. Gênero e uso de drogas: fatores preponderantes ao universo feminino. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE POLÍTICA SOCIAL E SERVIÇO SOCIAL: DESAFIOS CONTEMPORÂNEOS, 1., jun. 2015, Londrina. **Anais...** Londrina: [s.n.]. Disponível em: [http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo5/oral/22\\_genero\\_e\\_uso....pdf](http://www.uel.br/pos/mestradoservicosocial/congresso/anais/Trabalhos/eixo5/oral/22_genero_e_uso....pdf). Acesso em: 03 mar. 2020.

BONALUME, C. R.; ISAYAMA, H. F. As mulheres na pesquisa O lazer do brasileiro. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 5, n. 1, p. 3-24, jan./abr. 2018.

CANGUILHEM, G. **O normal e o patológico**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2009.

CRIVES, M.N.S.; DIMENSTEIN, M. Sentidos produzidos acerca do consumo de substâncias psicoativas por usuários de um programa público. **Revista Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.12, n.2, p.26-37, jul./dez. 2003.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1976. 249 p.

ELIAS, N., DUNNING, E. **A busca da excitação**. Lisboa: Difel, 1985. 431 p.

ERIKSON. 1976 *apud* GAETE, V. Desarrollo psicosocial del adolescente. **Rev. chil. pediatr.** Santiago, v.86, n. 6, p. 436-443, dic. 2015. Disponível em: [https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0370-41062015000600010&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-41062015000600010&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 29 dez. 2019.

FORTUNA, N.S.; TIYO, R.; FREITAS, G. Cannabis sativa: uma alternativa terapêutica para saúde. **Revista UNINGÁ**, v.29, n.3, p.144-148. Jan./Mar. 2017.

GAETE, V. Desarrollo psicosocial del adolescente. **Rev. chil. pediatr.**, Santiago, v. 86, n. 6, p. 436-443, dic. 2015. Disponível em: [https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0370-41062015000600010&lng=es&nrm=iso](https://scielo.conicyt.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0370-41062015000600010&lng=es&nrm=iso). Acesso em: 29 dez. 2019.

GOELLNER, S. *et al.* Lazer e gênero nos Programas de Esporte e Lazer das Cidades. **Licere**, Belo Horizonte, v.13, n.2, p. 1-20, jun. 2010. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2010.815>.

GOMES, C. L. Lazer: necessidade humana e dimensão da cultura. **Revista Brasileira de Estudos do Lazer**, Belo Horizonte, v. 1, n.1, p.3-20, jan./abr. 2014.

GOMES, C. L. Verbete Lazer – Concepções. *In*: GOMES, C. L. (Org.) **Dicionário Crítico do Lazer**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2004. p.119-126.

GONÇALVES, G.A.M., SCHLICHTING, C.L.R. Efeitos benéficos e maléficos da Cannabis Sativa. **Revista UNINGÁ Review**, v.20, n.2, p.92-97, Out./Dez. 2014.

LYNN, B. K. *et al.* The relationship between marijuana use prior to sex and sexual function in women. **Sexual Medicine**, v. 7, Issue 2, p. 192–197. June, 2019. Disponível em <https://doi.org/10.1016/j.esxm.2019.01.003>. Acesso em: 29 dez.2019.

MACIEL, S.C., MEDEIROS, K.T. Mulheres usuárias de crack: enfrentamentos e barreiras sociais. *In*: ROSO, A. (org.) **Crítica e dialogicidade em psicologia social: saúde, minorias sociais e comunicação**. eBook, Editora UFSM, 2017.

MARANGONI, S.R.; OLIVEIRA, M.L.F. Fatores desencadeantes do uso de drogas de abuso em mulheres. **Texto contexto – enferm.**, Florianópolis, v. 22, n. 3, p. 662-670, Set. 2013. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S010407072013000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010407072013000300012&lng=en&nrm=iso). Acesso em 13 fev. 2020.

MARCELLINO, N. C. **Estudos do lazer**: uma introdução. 2. ed. ampliada. Campinas: Autores Associados, 2000. 112 p.

MARTINELLI, S. A. A importância de atividades de lazer na Terapia Ocupacional. **Cadernos de Terapia Ocupacional da UFSCar**, São Carlos, v. 19, n.1, p. 111-118, Jan./Abril 2011.

MINAYO, M. C. S. **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. 28. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 2009. 96p.

NEVES, T. I.; PORCARO, L. A.; CURVO, D. R. Saúde é colocar-se em risco: normatividade vital em Georges Canguilhem. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v.26, n.3, p.626-637, 2017.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. 1976 *apud* PIMENTEL, G.A. O passivo do lazer ativo. **Movimento**. Porto Alegre, v. 18, n. 3, p. 299-316, jul./set. 2012.

PALAMAR, J. *et al.* A qualitative investigation comparing psychosocial and physical sexual experiences related to alcohol and marijuana use among adults. **Archives of Sexual Behavior**, v. 47, n.3, p.757-770, Apr., 2018. Disponível em <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC5250581/>. Acesso em 29 dez. 2019.

PIMENTEL, G. G.A. O passivo do lazer ativo. **Movimento**, Porto Alegre, v. 18, n.3, p. 299-316, jul./set. 2012.

ROBINSON, R. **O grande livro da Cannabis**: guia completo de seu uso industrial, medicinal e ambiental. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. 1999. 135p.

ROJEK, C. **Leisure theory**: principles and practice. 1.ed. Nova York: Palgrave Macmillan, 2005. 252p.

ROMERA L.A.; MARCELLINO N.C. Lazer e uso de drogas: a partir do olhar sociológico. **Impulso**, Piracicaba, v. 20, n.49, p.75-84, jan./jun., 2010. Disponível em <https://www.metodista.br/revistas/revistas-unimep/index.php/impulso/article/viewFile/871/472>. Acesso em: 06 maio 2019.

SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. **Educação & Realidade**, v.20, n.2, jul/dez de 1995. Disponível em <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71721/40667>. Acesso em: 12 dez. 2018.

SILVA, A.S. *et al.* A maconha nas perspectivas contemporâneas: benefícios e malefícios. **Revista da Faculdade de Educação e Meio Ambiente – FAEMA**, Ariquemes, v. 9, n. 2, p. 786-795, jul.-dez. 2018. Disponível em: <http://www.faema.edu.br/revistas/index.php/Revista-FAEMA/article/view/670>. Acesso em: 03 jan. 2020.

SPACH, R.C.; VIECILI, J. Sentidos do uso da maconha na percepção dos usuários jovens universitários. **Psicologia Pedra-Branca, RIUNI** - Repositório Institucional

UNISUL. Santa Catarina, 2017. Disponível em <https://riuni.unisul.br/handle/12345/4305>. Acesso em: 05 jan. 2020.

TEJERA, D. B. O.; SOUSA, I. R. C.; SAMPAIO, T. M. V. As relações de gênero na opção de lazer de pessoas atuantes em cooperativas de trabalho. **Licere**, Belo Horizonte, v.16, n.4, p.1-17, dez. 2013. DOI: <https://doi.org/10.35699/1981-3171.2013.668>.

TIBURI, M. **Feminismo em comum**: para todas, todes e todos. Rio de Janeiro: Rosa dos tempos, 2018. 126p.

VENTURINI, V. Consumo de drogas, opinião pública e moralidade. **Tempo Social - revista de sociologia da USP**. São Paulo, v. 29, n. 2, p. 159-185, agosto 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ts/v29n2/1809-4554-ts-29-02-0008.pdf>. Acesso em: 05 dez. 2019.

VIEIRA, J.A. A identidade da mulher na modernidade. **DELTA**, São Paulo, v. 21, n. spe, p. 207-238, 2005. Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-44502005000300012&lng=en&nrm=iso). Acesso em: 19 jan. 2020.

VINUTO, J. A amostragem em Bola de Neve na pesquisa qualitativa: um debate aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 22, n.44, p. 203-220, ago/dez. 2014. Disponível em: [https://www.academia.edu/16320788/A\\_Amostragem\\_em\\_Bola\\_de\\_Neve\\_na\\_pesquisa\\_qualitativa\\_um\\_debate\\_em\\_aberto](https://www.academia.edu/16320788/A_Amostragem_em_Bola_de_Neve_na_pesquisa_qualitativa_um_debate_em_aberto). Acesso em: 01 set. 2019.

#### **Endereço dos(as) Autores(as):**

Letícia Mara Pereira de Sousa  
Endereço Eletrônico: [leticampsousa@gmail.com](mailto:leticampsousa@gmail.com)

Cristiane Miryam Drumond de Brito  
Endereço Eletrônico: [cdrumonddebrito@gmail.com](mailto:cdrumonddebrito@gmail.com)

Alessandro Rodrigo Pedroso Tomasi  
Endereço Eletrônico: [arp.tomasi@gmail.com](mailto:arp.tomasi@gmail.com)